
Saramago: ver e lembrar

Saramago: see and remember

Maria Luiza Scher Pereira

Universidade Federal de Juiz de Fora

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a895>

RESUMO

O artigo aborda aspectos de convergência e de particularidade em dois textos não ficcionais de José Saramago: *Viagem a Portugal* e *As pequenas memórias*. Registros de experiência e relatos de vida oferecem outras possibilidades críticas aos estudos do conjunto da obra dos escritores consagrados pelo cânone literário.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência e relato; memória; Saramago.

ABSTRACT

This article addresses some aspects of convergence and particularity in two non-fictional texts by José Saramago: *Viagem a Portugal* and *As pequenas memórias*. Experience records and life stories can offer other critical possibilities for studies of the body of work of writers consecrated by the literary canon.

KEYWORDS: Experience and report; memory, Saramago

Vou fazer um breve paralelo sobre as particularidades e as convergências de dois textos de Saramago, um relato de viagem e um livro de memórias de infância, tipos de escrita considerados pela crítica tradicional como “gênero menor”: *Viagem a Portugal* e *As pequenas memórias*, respectivamente de 1990 e 2006.

Viagem a Portugal de Saramago não é um manual de viagem, ou um guia turístico, embora contenha todo tipo de informação que se encontra neles. Publicado primeiramente em edição de luxo, com farta ilustração, em fotografia belíssima, de paisagens, de obras de arte, de monumentos e de cidades, o livro traz ainda informação detalhada sobre os pontos turísticos mais importantes, aquele tipo de lugar assinalado com as estrelas equivalentes à recomendação “não deixe de ver”. Como um eficiente manual, *Viagem a Portugal* traz um anexo com mapas, muitos mapas que traçam os roteiros percorridos, os percursos entre cidades e vilas, pedagogicamente arrumados por regiões. Tudo muito didático e organizado.

Contudo, isso funciona como uma pista relativamente falsa para a expectativa inicial da leitura. A todo momento, o texto se descontinua, inserido das minúcias e dos insólitos, dos acontecimentos pequenos e pitorescos. Além disso, o viajante sempre muda de rota, por alguma informação nova, por se lembrar de algum detalhe, por mera intuição. Os mapas, então, revelam-se como sendo não os norteadores, mas o resultado dessa viagem específica. As fronteiras das regiões mapeadas resultam de uma cartografia própria e de certa forma aleatória, que confunde as rotas geográficas dos mapas convencionais.

Há, também, a pista falsa do título. Sendo português, e então morando ainda no país, por que viaja “a”, e não, por exemplo, “por”, ou “em”, Portugal? O título sugere que se fala de fora, isto é, que tendo se afastado, o viajante retorna ao país para uma viagem, que se revela extensiva. Tendo se desterritorializado de alguma maneira, ain-

da que não tenha havido necessariamente um afastamento físico, o olhar terá obrigatoriamente se alterado. Com novo olhar, o mesmo país poderá ser redescoberto, isto é, relido.

Assim, a narrativa da viagem desliza sempre para o comentário, para a reflexão, para o espanto ou a ansiedade, atravessada por todo tipo de relato de caso, a partir do qual o leitor encontrará a emoção e a meditação que ela provoca. O próprio autor joga luz sobre a movimentação do viajante nesse dentro/fora do seu país, e da sua narrativa de identidade, que resulta numa relação, com ele e com ela, mediada pelo pessoal e pelo momento presente em que a viagem se faz: “Esta Viagem a Portugal é uma história. História de um viajante no interior da viagem que fez, (...) encontro nem sempre pacífico de subjectividades e objectividades” (SARAMAGO, 1990, p. 7).

Esse será o gancho para a minha leitura dos dois relatos de Saramago: o jogo entre subjetividades e objetividades no relato da viagem e no relato das memórias da infância.

O viajante de *Viagem a Portugal* parece responder àquele “imperativo moral” de se colocar fora de casa, de que fala Adorno no seu livro *Minima Moralia*. A experiência do exílio, apesar de dilacerante, guardaria uma paradoxal positividade, pois é condição para se obter um olhar deslocado, resultante da alteração de ótica que o afastamento possibilita. Assim, deslocado e em permanente estado de distanciamento crítico, o escritor só tem como abrigo possível a escrita, a casa na qual ele, na verdade, se refugia (ADORNO, 2001, p. 27).

Também o crítico argentino Ricardo Piglia vê positividade nas mudanças do lugar de observação. O intelectual moderno lança ao mundo uma “mirada estrábica”, um olhar levemente enviesado, lateral, proporcionado pelos deslocamentos (PIGLIA, 2001, p. 66).

Ao escrever sobre o retorno desse simbólico exílio, fica exposta a cisão causada pelo duplo pertencimento: ao mundo da formação

culta, autores, referências, textos (a “cidade letrada”, para citar Angel Rama); e à memória particular, feita de resíduos e traços, acionada subjetivamente na experiência da volta à casa.

Um exemplo do viajante intelectual, e do seu pertencimento à cidade letrada, ou à alta cultura: o viajante vai, num momento da viagem, chegar a Lisboa. Embora o escritor tenha vivido quase toda a sua vida na cidade, o personagem viajante de Saramago não se sente em casa.

Na passagem, percebe-se que, na experiência do retorno, ele parece desorientado, sem bússola, sem roteiro prévio:

O viajante (...) é um viajante perdido. Aonde irá? Que lugares irá visitar? Que outros deixará de lado, por sua deliberação ou impossibilidade de ver tudo e falar de tudo? Tão legítimo seria atravessar o jardim e ir ver os barcos no rio como entrar no Mosteiro dos Jerónimos. (...) O viajante enche de bom ar o peito, como quem levanta as velas para apanhar o vento do largo, e ruma para os Jerónimos. (SARAMAGO, 1990, p. 190).

A indecisão e a escolha sugerem que o viajante adia o contato com a cidade viva dos barcos no rio, mostrando-se ainda pouco à vontade com a experiência de se entregar ao mundo. Assim, opta por começar a visita por um local mais tranquilizador para o intelectual, familiarizado com os arquivos da alta cultura, a monumental igreja-museu que é o Mosteiro dos Jerónimos.

Como por essa necessidade de refúgio, na sequência do périplo pela cidade, o viajante de Saramago visita vários outros museus, como o de Antropologia, o de Arte Popular, e mais detidamente o solene e consagrado Museu de Arte Antiga, e o Museu Calouste Gulbenkian.

O narrador chega a notar essa preferência pelos lugares da tradição culta, e se justifica: “O viajante gosta de museus, por nada des-

te mundo votaria sua extinção em nome de critérios porventura modernos...” (SARAMAGO, 1990, p. 190).

Esse gosto pelos museus sugere o perfil do intelectual e sua formação culta. E é assim, carregando esse arquivo pessoal do homem letrado, que o viajante de Saramago viaja ao seu país.

No entanto, nem só de objetividade e alta cultura vive a Viagem, e agora passo a dar um exemplo da subjetividade. Vejamos como o viajante se refere à visita ao famoso pinhal de Leiria, o famoso Pinhal del Rei: “E este é o pinhal de Leiria, o dos cantares do verde pino de D. Dinis, o das naus e caravelas das navegações, o frágil lenho que tão longe se aventurou.” (SARAMAGO, 1990, p. 157).

A referência às naus e caravelas mostra como a viagem se constituiu como uma espécie de centramento no discurso da identidade portuguesa. Quero dizer, a representação do português como viajante, como executor do projeto das grandes navegações, cristalizou-se na grande narrativa da nação portuguesa, através dos séculos, e a literatura registra a seu modo esse processo de construção do discurso nacional.

E, por isso, é importante a referência a D. Dinis, poeta e plantador do pinhal que um século depois proveria de madeira o projeto competente de navegação da Escola de Sagres.

A perspectiva que se apreende do texto é, aparentemente, a de quem olha de dentro do pinhal e, a partir daí, segue a memória do posterior destino das naus, como se vê em “tão longe se aventurou”. E aí temos o elemento residual da viagem, através da metonímia naus e caravelas, que atravessa o texto como rastro do passado no presente.

Assim, o viajante de Saramago, estando no pinhal do rei-poeta, aciona o arquivo da memória nacional, mas, por efeito de um pro-

cesso de deslocamento do histórico para o lúdico, continua a viagem em outra direção, inesperada:

(O viajante) vai indagar se não há caminho para Marinha Grande que lhe permita saborear por mais tempo a mata. Dizem-lhe que, haver, há, mas que o risco de perder-se é certo. Correu o risco, e se se perdeu não deu por isso. Sabe o que ganhou: alguns quilômetros de verdadeiro deslumbramento, a floresta densa por onde a luz entra em feixes, em rajadas, transformando o verde das árvores em ouro palpitante. A mata (...) é incomparável, (...) nenhuma mereceria mais ter, como habitantes, o povo pequenino dos gnomos, fadas e duendes. E (o viajante) está pronto a apostar que um súbito remexer de folhas que ali se viu foi obra de um esperto anãozinho de barrete vermelho. (SARAMAGO, 1990, p. 157).

Na estratégia do texto, perder-se no pinhal é também embaralhar, na viagem presente, as referências da história; o ganho correspondente ao possível perder-se resulta da superposição de um outro arquivo, o da memória infantil, que guarda resíduos do mundo mágico dos contos de fada. O relato do viajante, assim, é descontínuo; narrativas diversas se entremalham, quando o lúdico desloca o histórico e as memórias se misturam.

O jogo entre a objetividade do relato do intelectual e os desvios da emoção está sobretudo presente nas memórias do escritor que revisita a infância. O menino Zezinho já valoriza a escola como lugar de letramento e acesso ao mundo da alta cultura.

Numa passagem de *As pequenas memórias*, encontramos o menino que, sozinho, conquista o mundo das letras e, com ele, o passaporte para o futuro:

Aprendi depressa a ler. (...) Um dia, de fôlego, li em voz alta, sem titubear, nervoso mas triunfante, umas quantas linhas seguidas. Não percebia tudo o que lia, mas isso não importava. Nessa casa

em que não havia livros, um livro havia, um só (...) que se chamava A Toutinegra do Moinho. (...) Este romance iria tornar-se na minha primeira grande experiência de leitor. Ainda me encontrava muito longe da biblioteca do Palácio Galveias, mas o primeiro passo para lá chegar havia sido dado. (SARAMAGO, 2006, p. 91).

O prestígio do letramento e da cultura letrada, que é o território próprio do intelectual, constitui fundamentalmente o itinerário de Saramago na *Viagem a Portugal*, mas, em *As pequenas memórias*, ele parece optar por outra experiência de escrita no jogo paródico do seu relato de infância.

Nesse sentido, pode-se comparar dois momentos em que o autor fala do lugar da infância. O primeiro é a passagem do viajante de *Viagem a Portugal* por Azinhaga, terra natal do escritor, e pelo pequeno sítio da família, que, devido ao formato do terreno, é conhecido como Rabo dos Cágados:

(...) Foi aqui, em Azinhaga, que o viajante nasceu. E para que não se cuide que veio cá só por razões egoisticamente sentimentais, apontará a Ermida de São José que tem belíssimos azulejos azuis e amarelos, e tectos admiravelmente ornados. (...) O viajante não parará. Restam uns tios, uns vagos primos, a grande melancolia do passado pessoal: pensando bem, só o passado colectivo é exaltante. Não vale a pena ir ver outra vez o rio (...). Lá para baixo, perto da confluência com o Tejo (...) corre em fundo raso, de areia. Chama-se aí o sítio Rabo dos Cágados, e nunca nenhum outro nome foi mais bem posto do que este, tão flagrante é a semelhança, mais ainda no mapa que o viajante está examinando, não para se orientar, mas para se reconhecer melhor. É uma terra comum, esta primeira casa do viajante. Não há mais que dizer dela. (SARAMAGO, 1990, p. 166).

Como se vê, o menino de Azinhaga é agora o intelectual culto, crítico de arte, distanciado da terra, que só vê através dos mapas de viagem. Essa visão da terra natal é, sobretudo, mediada pelo grande acervo cultural de que já dispõe. Ao considerar que “só passado colectivo é exaltante”, o viajante, nesse momento, renuncia à “grande melancolia do passado pessoal”, e se recusa a voltar à infância: “É uma terra comum, esta primeira casa do viajante. *Não há mais que dizer dela.*” (SARAMAGO, 1990, p. 166, “grifo nosso”).

Essa postura distante, típica do escritor refugiado na biblioteca, não se manterá em *As pequenas memórias*. Quase vinte anos, muitos livros, e um Prémio Nobel mais tarde, a memória do narrador reconstrói assim o lugar em que passou a infância:

O quintal nessa parte era uma estreita fatia de terra de uns cinquenta ou sessenta metros de extensão, bordejando um olival e tendo do outro lado, uma densa sebe (...). À medida em que ia-se aproximando do fim, o terreno estreitava-se até terminar em ponta, como o rabo de um cágado. Era aí que minha avó e eu íamos dar de corpo quando a urgência apertava e não dava tempo a que nos metêssemos pelos olivais dentro. (Meu avô devia resolver a questão lá por onde andasse com os porcos.) Que não se surpreenda o leitor com essa eufemística expressão, dar de corpo. Era a lei natural. Adão e Eva tiveram que fazer o mesmo num recanto qualquer do paraíso. (SARAMAGO, 2006, p. 126/127).

Comparados os dois trechos, o leitor, desarmado, não deixa de se surpreender com o pacto proposto agora pelo relato: o escritor larga o mapa onde reconhecia o desenho da terra, e nos oferece, reconstruído pela memória pessoal, os episódios em que a relação do corpo e da vida com o mundo, na sua natureza física, chega a ser desconcertante na sua imediatez.

Nas “pequenas memórias de quando fui pequeno, simplesmente” (SARAMAGO, 2006, p.34), a pequenez da vida nos chega matizada pelo fruir de uma memória subjetivada que denuncia, sem o pudor do intelectual culto, a emoção com que o premiado escritor volta à infância:

algumas recordações soltas, de mínima importância: das baratas que passeavam por cima de mim quando dormia no chão, de como comíamos a sopa, minha mãe e eu, do mesmo prato, cada um do seu lado, colherada ela, colherada eu; (...) de como gostava das vianinhas, de massa fina, mais caras, e que só raras vezes tive a gulosa satisfação de comer... Sempre gostei muito de pão. (SARAMAGO, 2006, p. 108).

Tanto o intelectual que advinha “o povo pequenino dos gnomos” quanto o menino que “aprendeu depressa a ler” são representações do escritor contemporâneo (esse eterno deslocado, esse sempre ser de fronteira) que se lança à aventura dos relatos de ver e lembrar, em busca do único lugar disponível para ele: a escrita precária da memória que, por ser irredimível, é preciso reinventar.

RECEBIDO: 15/06/23 APROVADO: 03/07/23

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Minima Moralia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001.
- PIGLIA, R. Una propuesta para el nuevo milênio. *Margens/Márgenes* Caderno de Cultura. Belo Horizonte/Mar del Plata/Buenos Aires, n. 2, out. 2001.
- SARAMAGO, J. *Viagem a Portugal*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1990.
- SARAMAGO, J. *As pequenas memórias*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2006.

MINICURRÍCULO

MARIA LUIZA SCHER PEREIRA é professora aposentada da UFJF. Mestre em Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atuação em docência e pesquisa nos temas Literatura Portuguesa, romance português contemporâneo, José Cardoso Pires, José Saramago, comparativismo, memória e arquivo, acervos literários, Murilo Mendes. Principais publicações: *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes* (2004), *A jangada e o elefante: ensaios de crítica literária* (2009), Número especial da Revista *Ipotesi* (PPG Estudos Literários da UFJF) sobre José Saramago (2011). Bolsista de Produtividade do CNPq entre 2000 e 2010. Membro da Diretoria da ABRAPLIP, biênio 2019/2021. Representante Regional na ABRAPLIP, biênio 2021/2023.